



Carlos Magno Guimarães  
Anaeli Queren Xavier  
Almeida  
Gabriela Pereira Veloso

## Capão do Lana: dos documentos à arqueologia

O eixo deste trabalho é constituído pela possibilidade de utilização de fontes históricas e documentais como suporte para a realização de pesquisas arqueológicas, tomando como exemplo o caso do Capão do Lana, antiga estalagem e pouso de tropas existente nas Minas Gerais do século XVIII.



Coroa Portuguesa visando evitar o contrabando e outras irregularidades. Afinal, uma colônia deveria estar submetida a todos os mecanismos de controle possíveis, mesmo que a eficácia estivesse aquém da pretendida.<sup>4</sup> Para facilitar a fiscalização, a circulação de pessoas, de comboios de tropeiros, de ouro, de diamante e de outras mercadorias deveria se dar obrigatoriamente por meio das Estradas Reais. Segundo Santos, “o nome estrada real passou a aludir, assim, àquelas vias que, por sua antiguidade, importância e natureza oficial, eram propriedade da coroa”.<sup>5</sup> Ao longo desses caminhos foram estabelecidos os registros – postos fiscais onde eram recolhidos os tributos devidos à Coroa. Entretanto, tais medidas nunca foram muito eficazes, uma vez que havia picadas abertas para encurtar caminhos ou para fugir dos registros, sendo sua abertura e utilização consideradas crime de lesa-majestade.

A relevância do sistema viário, que possibilitou a ocupação do território brasileiro no período colonial integrando as diferentes áreas de assentamento, foi reconhecida desde os momentos iniciais da própria colonização. Os estabelecimentos de pouso surgidos ao longo dos caminhos cumpriam importante papel, uma vez que favoreciam, além do deslocamento, o povoamento das áreas adjacentes. Tais pousos eram de diversos tipos, apresentando distintas finalidades. É nesse contexto que está inserida a estalagem do Capão do Lana.

O reverendo inglês Robert Walsh, viajando por terras brasileiras, entre 1828 e 1829, elaborou uma tipologia desses estabelecimentos de pouso observando que as estalagens, como a do Capão do Lana, seriam os mais raros deles:

Nas estradas do Brasil há quatro tipos de pousada. Um é o rancho que significa literalmente “agrupamento de pessoas” e, por conseguinte, designa o lugar onde os viajantes pernoitam; não passa de uma coberta espaçosa, armada sobre estacas e inteiramente aberta dos lados, não dispondo nem de alojamentos, nem de comida;

é apenas um abrigo para os tropeiros e os burros. O segundo é a venda, onde se pode comprar comida e bebida. Geralmente há um quarto anexo a ela, às vezes dotado de uma cama. O terceiro tipo é a estalagem, com as acomodações habituais a estabelecimentos dessa espécie. Esse tipo de pousada, entretanto, é pouco comum. Por último vem a fazenda. Comumente o fazendeiro faz as vezes de hospedeiro, acomodando os viajantes em sua própria casa e se valendo disso para dar saída aos seus produtos. Muitas vezes, porém, ele nada cobra pela hospedagem, recebendo o forasteiro simplesmente em nome da hospitalidade.<sup>6</sup>

Segundo a descrição de Walsh, o Capão do Lana era um estabelecimento completo (rancho, venda, estalagem, fazenda) em termos de apoio aos viajantes que passavam pela localidade, além de importante mina produtora de topázio, contribuindo para o povoamento da região. A pesquisa arqueológica identificou vestígios de, pelo menos, quatro edificações no sítio, além de muros, arrimos, canais e estruturas hidráulicas. As edificações e estruturas identificadas atestam um lugar propício à acomodação de pessoas e ao cercamento (e criação) de animais, enquanto a presença de um sistema de abastecimento de água permitia o cultivo e a produção de alimentos.

A data de instalação do Capão do Lana não é certa, mas a primeira referência explícita à estalagem aparece em uma publicação, editada em 1732, de autoria de Francisco Tavares de Brito, que menciona os caminhos utilizados para o deslocamento do litoral para as Minas. Tavares de Brito elaborou um roteiro de viagem abordando o trajeto definitivo do Caminho Novo, atualmente identificado como o tronco principal do que se convencionou chamar de Estrada Real.<sup>7</sup> A preocupação de Tavares de Brito foi registrar os recursos de infraestrutura e abastecimento disponíveis aos viajantes em circulação. Em seu registro, denomina a estalagem de “Olana”, conforme a citação a seguir:

Jozeph Rodrigues, Joaõ Rodrigues, Alberto Dias, Passagem, Resaca, Caranday, Outeiro, Os dous Irmãos, Gallo cantante, Rossinha, Amaro Ribeiro, Carijos, Macabello. Aqui se passa o Rodeo, isto he, que se rodea hua Serra, a que chamaõ Ititiaya. Ilheos, *Olanâ*. [...] e proseguindo ocaminho da Minas Geraes, do *Olanâ* se vay as tres Cruzes, e da hi a Trapui, que fica huma legoa de Villa Rica [...].<sup>8</sup>

O trajeto foi incorporado, ainda no século XVIII, ao Códice Costa Matoso,<sup>8</sup> evidenciando a relevância das informações de Tavares de Brito.

Ainda do século XVIII, merece referência um mapa da região, sob guarda do Arquivo Histórico Ultramarino, mandado fazer pela Câmara de Vila Rica. Foi elaborado por Cláudio Manoel da Costa entre 1755 e 1766 e tinha o objetivo de assinalar os caminhos mais importantes da principal região produtora de ouro nas Minas setecentistas.<sup>10</sup> O registro confirma o fato de a estalagem já estar consolidada naquele momento, sendo mencionada como ponto de referência pela cartografia regional.

Datada de 7 de janeiro de 1772, uma carta de sesmaria cita a estalagem:

Faço saber aos que esta minha carta de sesmaria virem que tendo respeito a esse representado por sua petição o capitão Paulo Pereira de Souza, José da Silva Guimarães, e Manoel Martins de Carvalho que são sócios na roça que tem de suas terras na paragem chamada o Lana termo desta Vila servida de seus antecessores, e para a titulare e possuírem me requereram lhes concedesse na dita paragem meia légua de terra em quadra para continuar sua cultura [...].<sup>11</sup>

Dado importante dessa informação da carta de sesmaria são os nomes de antigos proprietários, o que possibilita

o rastreamento de outros donos da fazenda ao longo de sua existência.

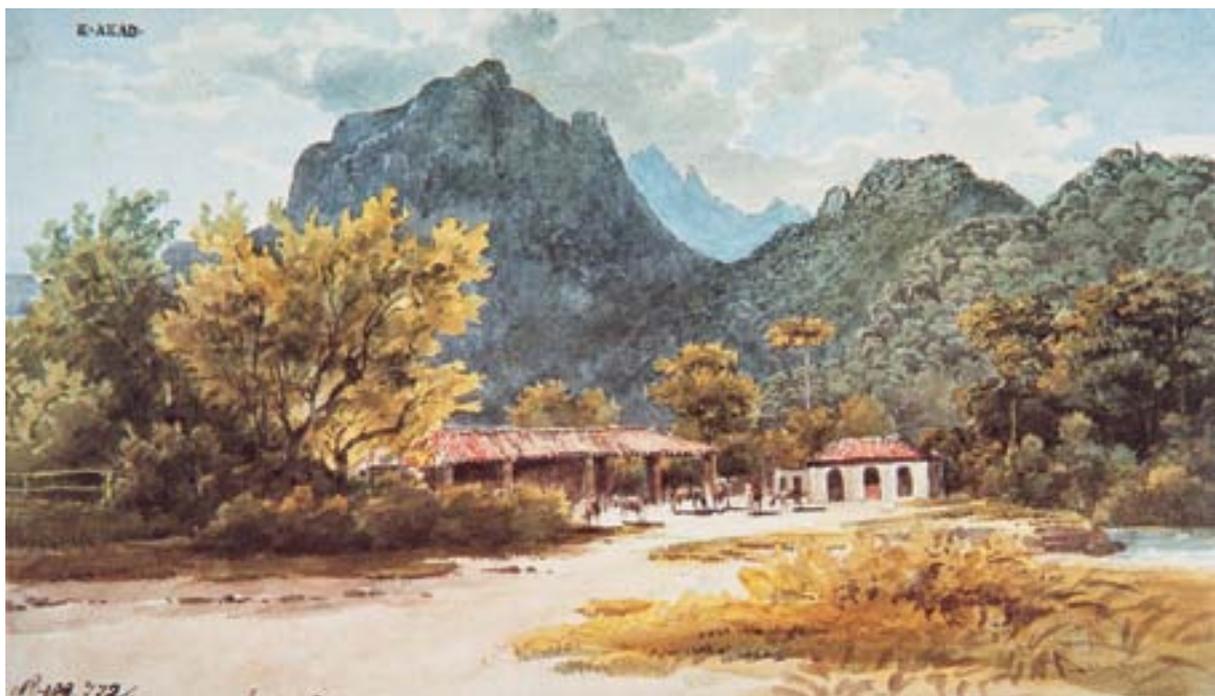
Próximo ao final do século XVIII, a estalagem foi palco eventual de um dos mais referidos momentos da história das Minas coloniais: a Inconfidência Mineira. No ano de 1789, tendo o movimento sido abortado com base em denúncias de alguns de seus integrantes, a Coroa Portuguesa desencadeou o processo repressivo. Na tarde do dia 24 de maio do referido ano, na estalagem, o inconfidente Vitoriano Gonçalves Veloso deparou-se com a cena do desembargador Tomás Antônio Gonzaga preso, sendo conduzido para o Rio de Janeiro pelo capitão Antônio José de Araújo. O impacto provocado pela cena está registrado no depoimento de Vitoriano, constante da Devassa

No *Capão do Lana*, importante entroncamento das estradas para Vila Rica e Cachoeira do Campo, naquele sábado (24-05), viu passar preso o Des. Tomás Antônio Gonzaga, acompanhado do A. O. Francisco Antônio Rebelo e da escolta comandada pelo Cap. Antônio José de Araújo. [...] No *Capão do Lana*, devia informar-se que o Ten. Cel. Francisco de Paula estava na Fazenda Caldeirões ou em Vila Rica, estando a fazenda perto daquele entroncamento.<sup>12</sup>

A referência contida nos Autos de Devassa confirma a constante atividade nas estradas da região, sendo a estalagem bastante movimentada, já que se localizava em ponto estratégico, no entroncamento de caminhos de intenso trânsito.

### Novos relatos

No início do século XIX, ocorreu a vinda da Corte Portuguesa para o Brasil. A abertura do país a viajantes estrangeiros fez com que inúmeros naturalistas,



Rancho e venda, 1817-1818. Aquarela de Thomas Ender (Viena, Áustria, 1793-1875). In: COSTA, Antônio Gilberto (Org.). *Os Caminhos do ouro e a Estrada Real*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Lisboa: Kapa Editorial, 2005.

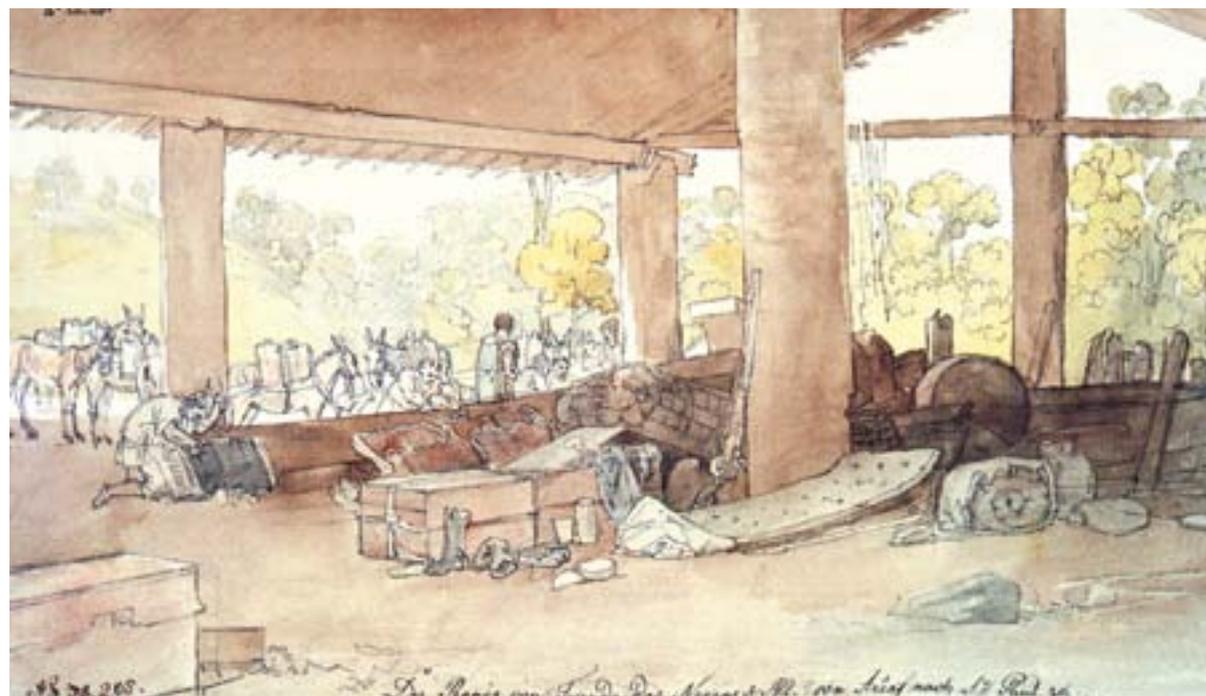
exploradores e outros curiosos europeus viessem ao Brasil e deixassem expressivo número de relatos sobre o país. Tais relatos foram importantes fontes de informações para a pesquisa arqueológica. Alguns deles atestam a importância do Capão do Lana e sua versatilidade como estrutura de apoio aos viajantes. Em 1811, o barão W. L. von Eschwege<sup>13</sup> registrou sua passagem pelo local. Trazido ao Brasil para tentar reativar a decadente atividade extrativa do ouro e trabalhar na implantação da nascente indústria siderúrgica, Eschwege deixou contribuições nesses campos. Em uma passagem pela região em destaque, registrou:

Subi o alto morro do Chiqueiro, de onde fui até Capão do Lana. [...] A principal jazida destas pedras [topázio] é a do Capão. [...] Encontra-se em Capão

uma boa *pousada* pelo padrão local [...]. Depois de almoçar naquela pousada, continuei minha viagem, andando 3 léguas até Vila Rica [...].<sup>14</sup>

Em outra passagem, Eschwege registra a existência de duas fazendas no Capão do Lana. No último ano de sua estada no Brasil, Eschwege publicou o mapa *Parte do Novo Mapa da Capitania de Minas Gerais*, no qual o Capão do Lana figura em um dos trajetos que convergem para Vila Rica. Um detalhe do referido mapa indica a localização do Capão do Lana.

Em princípios de 1821 foi a vez de Johann E. Pohl<sup>15</sup> fazer seu registro: “[...] Então chegamos à depressão onde ficam as maiores pedreiras de topázio, chamada *Capão do Lana*, na qual só há dois edifícios isolados e um *rancho*”.<sup>16</sup>



Rancho da Fazenda dos Negros, 1817-1818. Aquarela de Thomas Ender (Viena, Áustria, 1793-1875). In: COSTA, Antônio Gilberto (Org.). *Os Caminhos do ouro e a Estrada Real*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Lisboa: Kapa Editorial, 2005.

O autor faz referência a um rancho que, de acordo com as descrições feitas por Walsh, consistia de um lugar aberto com um telheiro onde os viajantes pernoitavam, sem a necessidade de ocupar a pousada.<sup>17</sup> No sítio arqueológico foram identificadas três estruturas correspondentes a currais. Essas unidades eram áreas cercadas por muros de pedras. Para tornar operacional o seu funcionamento, facilitando o manejo dos animais, cada curral tinha acesso ao curral contíguo. No que diz respeito à implantação dos currais, destaca-se o fato de estarem à margem da entrada da fazenda. Nesse caso, a localização é estratégica, porquanto as tropas chegavam antes nos currais, sem a necessidade de passarem pela área principal da fazenda. Um dos currais apresentou internamente vestígios de uma estrutura, possivelmente um rancho, para atividades de apoio.

Pohl também teve sua atenção voltada para as técnicas de mineração de topázio,<sup>18</sup> fazendo detalhada descrição do funcionamento da mina.

A fazenda *Lana*, onde também se encontram topázios, fica apenas a um quarto de légua de distância dali. [...] Nessa mina de topázio, havia 200 trabalhadores escravos. Com largas enxadas, cavavam aquela terra gorda, que sempre indicava a proximidade do agárico mineral, cujos ninhos eram amontoados juntamente com a terra. Então, o inspetor da mina, com um bastão munido de ponta de ferro, procura os topázios na terra solta, que é depois posta numa calha que dá para um tanque. Quando este está inteiramente cheio, solta-se a água, que carrega consigo a terra leve, deixando no fundo do tanque os topázios que



Vestígios da casa-sede e parede com janela no sítio arqueológico do Capão do Lana. In: GUIMARÃES, Carlos Magno (Coord.). *Levantamento histórico-arqueológico da Estrada Real: o Capão do Lana – Ouro Preto, MG. Relatório Final.* Belo Horizonte: Laboratório de Arqueologia da Fafich/UFMG, 2008.

porventura nela ainda se achem. O inspetor, então, reúne-o em bolsas de couro e os entrega ao dono da mina.<sup>19</sup>

Interessante notar que esse viajante teve dificuldade em conseguir alojamento na pousada:

[...] segui para a Fazenda *Capão*, que dista três léguas e meia de Vila Rica. Aqui, só consegui, para hospedagem, um pequeno quarto, porque os demais aposentos disponíveis para hóspedes estavam ocupados por uma companhia de circo que ia exhibir-se em Vila Rica.<sup>20</sup>

Seus escritos apontam, ainda, para a existência de duas propriedades, pertencentes a um provável “Lana”. A fazenda Lana seria a sede das atividades de mineração

de topázio, e o Capão seria a estalagem, onde ele teria conseguido se hospedar.

A dupla de pesquisadores Spix e Martius,<sup>21</sup> que esteve no Brasil nesse mesmo período, também indicou a existência de duas fazendas próximas uma da outra: a do Capão e a do Lana: “Do morro do Cascalho sobe-se apenas pouco e obliquamente para alcançar a bela fazenda do *Capão* e a fazenda *Lana*, distante um quarto de hora além”.<sup>22</sup>

Interessante observar que Walsh, após descrever a mina de topázio, destacou a “incivilidade inominável” que caracterizava os funcionários da casa, embora reconhecesse que a mesma era suficientemente grande para acomodar os viajantes. E, também ele, registra a existência de duas propriedades, mas desta vez com uma explicação original:



Vestígios da casa-sede e parede com janela no sítio arqueológico do Capão do Lana. In: GUIMARÃES, Carlos Magno (Coord.). *Levantamento histórico-arqueológico da Estrada Real: o Capão do Lana – Ouro Preto, MG. Relatório Final.* Belo Horizonte: Laboratório de Arqueologia da Fafich/UFMG, 2008.

A *venda* existente no Capão é bastante grande, podendo acomodar os numerosos viajantes que pernoitam ali depois de atravessarem a serra. Seu proprietário é também um grande fazendeiro, além de dono de jazidas de topázio. É conhecido como o “homem dos dois pais”, já que dois ricos fazendeiros o reivindicavam como filho, atestando sua paternidade ao lhe deixar cada um uma vasta fazenda.<sup>23</sup>

A constatação de que havia outro sítio arqueológico na região confirma os relatos sobre a existência das duas fazendas. A citação de Walsh, ao fazer menção à existência de uma venda no Capão do Lana, aponta para a interpretação de uma das edificações do sítio arqueológico. Dentre os vestígios coletados próximos à casa-sede, havia uma grande quantidade de fragmentos

de vidro, que apresentava características – cores e formas – bastante diversificadas. São fragmentos de garrafas de tamanhos variados, bem como recipientes para acondicionamento de vinho. Foram encontrados, ainda, fragmentos de cerâmica (*grés*) de bojos de garrafas. São vestígios indicadores de local que pode estar associado à existência de uma venda.

Outro evento pôs em evidência o Capão do Lana em sua trajetória histórica. Em abril de 1822, ano da proclamação da Independência, dom Pedro I, em missão para pacificar revoltosos de Ouro Preto, teria feito pouso no Capão do Lana por mais de um mês, proclamando-o Paço Imperial Provisório. Da estalagem, dom Pedro I mandou prender o governador rebelado, Pinto Peixoto, que teria sido levado ao Capão do Lana.

Em 1825 o cônsul Langsdorff<sup>24</sup> registrou, em seu diário, a passagem pelo Capão: “Acompanhei a tropa até Capão [...]. Os proprietários das minas só trabalham nelas esporadicamente, quando não têm mais nada para fazer. Capão fica a 4 léguas de Ouro Preto. [...] A estalagem em Capão é bem suprida”.<sup>25</sup> Entre 1826 e 1834, D'Orbigny<sup>26</sup> esteve em viagem pelo Brasil e menciona um dado novo: o “povoado” do Capão.

Nos últimos dias de julho, deixamos Vila Rica dirigimo-nos para a capital do Brasil. Atravessamos, primeiro, Boa Vista, depois o povoado do Capão, depois Ouro Branco, aldeia de umas cinquenta casas, com uma igreja que parece estar apoiada a uma verde montanha.<sup>27</sup>

Lamentavelmente, a atividade minerária no entorno imediato do sítio arqueológico parece ter destruído as evidências do que pode ter configurado aquilo que D'Orbigny denominou como povoado. A extração de topázio ainda hoje provoca impactos na região.

Durante a revolta liberal de 1842, Teófilo Ottoni<sup>28</sup> teria estado no Capão do Lana comandando as tropas rebeldes. Vencido por duque de Caxias,<sup>29</sup> teria ficado preso em Ouro Preto, sendo perdoado no ano seguinte e eleito deputado e senador do Império anos mais tarde.

As referências citadas expressam a relevância histórica do Capão do Lana. O núcleo principal do sítio corresponde às ruínas da casa-sede da antiga estalagem, preservando ainda partes de suas paredes. Está conectada a uma extensa área cercada, formando um grande pátio, local provável de uso e circulação por parte dos viajantes que lá se hospedavam. A casa-sede é a estrutura que se encontra mais bem preservada no sítio. Destaca-se como estrutura principal em razão de suas dimensões e de sua localização central, tomando como referência a delimitação dos espaços por muros,

arrimos etc. Os vestígios indicam uma edificação imponente que justifica a posição que teria ocupado no contexto da fazenda/estalagem.

### O sítio arqueológico

A pesquisa arqueológica do sítio identificou vestígios de artefatos empregados na vida cotidiana das pessoas que ali habitavam. Destacam-se vestígios de vidro, cerâmica (recipientes, cachimbo e telhas), metal, louça, grés e pedra-sabão, dentre outros. A respeito de tais vestígios foram realizadas análises quantitativa e qualitativa sobre o potencial arqueológico do sítio. O gráfico *Tipo de Material – Ocorrência* evidencia a proporção dos tipos de materiais no conjunto dos vestígios.

Nos sítios arqueológicos remanescentes de ocupações históricas, é comum a existência de lugares onde há maior concentração de vestígios, por serem locais que foram utilizados para o descarte de lixo doméstico. E também é usual que esses lugares de descarte estivessem, pela proximidade, associados à cozinha.

Essa tendência não fugiu à regra no Capão do Lana. Embora as ruínas da estalagem não sejam claras com relação à distribuição e utilização dos espaços, a área do sítio associada ao principal núcleo de edificações foi o local que apresentou a maior quantidade e variedade de vestígios provenientes de artefatos de uso cotidiano/doméstico, conforme gráfico *Total de Amostras – Ocorrência no sítio*. Destaca-se a área da casa-sede, que apresentou a maior concentração de vestígios (superior a 80%).

Quanto à dispersão dos vestígios, é necessária uma ressalva: o sítio foi alvo da ação recente de garimpeiros autônomos que abriram buracos por todo o local em busca de topázios. Esse fato, além de provocar a descontextualização dos objetos, evidenciou vestígios que foram carregados pelos garimpeiros. Informações

orais indicam que os vestígios menos fragmentados e mais atraentes, encontrados pelos garimpeiros, foram pilhados por eles. Ainda assim, a riqueza qualitativa e quantitativa do material arqueológico encontrado nas áreas perturbadas foi expressiva.

Cabe considerar ainda a predominância de alguns tipos de vestígios em determinadas áreas. É notável a presença maciça de restos de recipientes cerâmicos em determinada área, em contraponto a outra área, que apresentou maior quantidade de vestígios de louça. A louça constituía artigo “de luxo”, uma vez que teve sua produção tardia no Brasil, sendo então um item de importação. A cerâmica era utilizada pela população brasileira em geral desde seus mais recuados períodos, e isso indica a existência de espaços de usos diferenciados. A louça era usada preferencialmente pela elite e a cerâmica era amplamente difundida e usada entre as classes subalternas. É razoável acreditar que cada um dos espaços foi utilizado de forma mais sistemática, no cotidiano, por uma categoria social específica. Em que pesem os indicadores quantitativos de forma consistente, pesquisas futuras poderão confirmar tais apontamentos.

A delimitação de áreas, com o uso de muros, também deixa claras as diferenciações espaciais. Pohl menciona um plantel de 200 escravos. Ainda que a informação careça de mais dados, não se pode negar que o Capão do Lana, que abrigava uma pousada de grande movimento, além da mais famosa mina de topázio da região, apresentasse mão de obra escrava significativa, que teria deixado suas marcas nos objetos de uso doméstico, como é o caso da cerâmica.

A análise quantitativa dos vestígios arqueológicos possibilitou a delimitação dos locais de ocorrência, bem como de sua maior ou menor presença. Isso permitiu explicitar os elementos de maior presença e suas especificidades, considerando o sítio e os contextos nos quais esteve inserido. As principais ocorrências foram:

cerâmica, vidro, louça e metal. O que não invalida ou desconsidera a importância e singularidade dos vestígios de natureza outra.

### Diversidade

O material cerâmico encontrado no Capão do Lana ocorre em grande diversidade de tipos. A análise preliminar dos fragmentos de recipientes de maior porte, que podem estar associados ao armazenamento ou ao preparo de alimentos, já indicara características – de formas e decorativas – que permitem associá-los à denominada cerâmica cabocla. Alguns traços observados – como a espessura muito regular das paredes, o que remete à utilização do torno em sua manufatura – refletem influência dos colonizadores em sua fabricação. Nesse sentido, os vestígios cerâmicos apontam para uma produção feita regionalmente que envolvia influências indígenas e portuguesas.

Com relação aos fragmentos cerâmicos decorados, vale observar que em grande parte se tratavam de peças destinadas ao serviço de mesa. Essa finalidade pode ser indicada pela espessura e forma dos fragmentos, pelo refinamento da pasta empregada em seu fabrico e pela delicadeza de sua decoração. Entre os elementos decorados, predomina a vitrificação e a pintura sobre o engobo. Nas cores, prevalecem tons de vermelho e marrom, sendo que alguns elementos remetem a um padrão Jequitinhonha, sobretudo por apresentarem pintura vermelho/marrom sobre engobo branco. Alguns fragmentos com vitrificação amarelo-esverdeado identificam a cerâmica Saramenha, produzida tradicionalmente em Ouro Preto e cercanias. Quanto ao padrão dos desenhos decorativos, destacaram-se os motivos geométricos e florais.

Pelas descrições, os artefatos cerâmicos utilizados pelos ocupantes do Capão do Lana devem ter sido produzidos no entorno de Ouro Preto. A presença de cerâmica dos

tipos Saramenha e Jequitinhonha remete à produção regional, visto que a disponibilidade de matéria-prima e de oleiros dispensaria a necessidade de importação dessas peças.<sup>30</sup>

Grande parte dos fragmentos de louça encontrados remete ao século XIX, por sua associação com a faiança fina<sup>32</sup> inglesa e pelo período em que passou a ser comercializada no Brasil. Isso remonta ao momento de atividade da estalagem sobre a qual os viajantes deixaram a maior quantidade de relatos e informações. Evidentemente, não está descartada a presença de tais peças no contexto do século XVIII, dado que, nesse período, o Capão já existia e funcionava como estalagem e ponto de atividades mercantis.

Os vestígios de vidro<sup>32</sup> do Capão do Lana estão inseridos em um período de transição por seu modo de fabrico, quando a produção não estava totalmente automatizada, mas já não era artesanal – talvez remetendo à produção semiautomática. A presença de bolhas nos fragmentos de vidro é um indicativo dessa produção em escala semi-industrial. De modo geral, os traços nos recipientes remetem à tendência ao uso de moldes em seu processo de fabricação, não se verificando marcas de aplicação do gargalo. Quanto às cores, o predomínio de garrafas coloridas pode remeter tanto ao período de fabricação quanto ao líquido que estava sendo armazenado. A diversidade coincide com as atividades de uma estalagem, que atendia distintos públicos.

Vestígios de talheres, ferraduras e cravos artesanais apontam para usos domésticos ligados à alimentação, ao transporte por tropas e a uma metalurgia com produção em escala reduzida. Por outro lado, pregos industriais, arame farpado e cápsulas de arma de fogo remetem a momentos mais próximos da atualidade, em que a escala produtiva já atingiu o caráter industrial moderno.

## Conclusões

A pesquisa realizada sobre o Capão do Lana aponta, no presente momento, para duas constatações. Por um lado, o suporte insubstituível que a documentação em geral pode dar à pesquisa arqueológica. Por outro, o potencial arqueológico que o sítio apresenta. Embora tenha sido muito impactado por ações destrutivas, ainda apresenta um grande potencial para pesquisas futuras.

Os dados documentais e os de natureza arqueológica se articulam e interagem de forma complementar. Cada um deles pode apresentar informações que estão ausentes no outro. A presença das manifestações culturais dos escravos, por exemplo, que pode ser refletida em objetos de uso cotidiano ou cerimoniais, embora não tenha encontrado muito espaço nos documentos e relatos, pode ser claramente identificada nos sítios arqueológicos. Além disso, incoerências entre registros podem refletir contradições de período histórico.

## Notas |

1. Pesquisa realizada em 2008 por meio do Edital Universal 001/2007, cujo produto final foi: GUIMARÃES, Carlos Magno (Coord.). *Levantamento histórico-arqueológico da Estrada Real: o Capão do Lana – Ouro Preto / MG*. Relatório Final. Belo Horizonte: Laboratório de Arqueologia da Fafich/UFMG, 2008.
2. GUIMARÃES. *Levantamento histórico-arqueológico da Estrada Real no trecho Ouro Branco...*
3. HODDER, Ian; HUTSON, Scott. *Reading the past: current approaches to interpretation in archaeology*. Cambridge: University Press, 2003. p. 213.
4. NOVAIS, Fernando A. *Portugal e Brasil na crise do antigo sistema colonial* (1777-1808). São Paulo: Hucitec, 1979; PINTO, Virgílio N. *O ouro brasileiro e o comércio anglo-português*. São Paulo: Nacional, 1979.
5. SANTOS, Márcio. Caminhos. In: ROMEIRO, Adriana; BOTELHO, Ângela V. *Dicionário histórico das Minas Gerais*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 61.
6. Robert Walsh (1772-1852) foi médico e capelão da colônia britânica no Rio de Janeiro. Visitou Minas Gerais e escreveu a obra *Notícias do Brasil*, publicada em 1830, traduzida para o português em 1985. Cf. WALSH, Robert. *Notícias do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1985. Coleção reconquista do Brasil; Nova Série, v. 75. p. 23.
7. GUIMARÃES. *Levantamento histórico-arqueológico da Estrada Real no trecho Ouro Branco...*

8. BRITO, Francisco Tavares de. Itinerário geográfico com a verdadeira descrição dos caminhos, estradas, rossas, citios, povoaçoens, lugares, villas, rios, montes e serras que ha da cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro ate as Minas do Ouro. Edição fac-similar. *Barroco*, Belo Horizonte, UFMG, n. 4, p. 104-105, 1972. [Grifo nosso.]

9. CÓDICE COSTA MATOSO. Coleção das notícias dos primeiros descobrimentos das Minas na América que fez o doutor Caetano da Costa Matoso sendo ouvidor-geral das do Ouro Preto, de que tomou posse em fevereiro de 1749, & vários papéis. Edição crítica de Luciano R. A. Figueiredo e Maria Verônica Campos. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro/Centro de Estudos Mineiros, 1999. p. 903-904.

10. COSTA, Antônio G. (Org.). *Os Caminhos do ouro e a Estrada Real*. Belo Horizonte: UFMG; Lisboa: Kapa, 2005.

11. Carta de sesmaria passada a Manoel Martins de Carvalho. Paragem O Lana. 7 de janeiro de 1772. Arquivo Público Mineiro – SC. 146, filme 32, 206V, negativo G-1.

12. AUTOS DA DEVASSA DA INCONFIDÊNCIA MINEIRA. Brasília: Câmara dos Deputados. Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas Gerais, 1978. v. 2 e 3. p. 160: [Grifo nosso.]

13. Wilhelm Ludwig von Eschwege (1777-1855), o barão de Eschwege, veio para o Brasil em 1810 contratado como diretor do Real Gabinete de Mineralogia do Rio de Janeiro para incrementar as técnicas de mineração. De formação científica interdisciplinar, era perito em mineralogia, metalurgia, geologia, botânica e outras ciências naturais.

14. ESCHWEGE, Wilhelm Ludwig von. *Jornal do Brasil, 1811-1817: ou relatos diversos do Brasil, coletados durante expedições científicas*. Notas introdutórias por Friedrich E. Renger e Douglas Cole Libby. Tradução por Friedrich E. Renger, Tarcísia Lobo Ribeiro e Guntaer Augustin. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro/Centro de Estudos Históricos e Culturais, 2002. p. 256-257. [Grifo nosso.]

15. Johann Baptist Emanuel Pohl (1782-1834) foi um médico, geólogo e botânico austríaco que integrou a Missão Austríaca ao Brasil entre 1817 e 1822. Empreendeu uma viagem de quatro anos pelo interior do Brasil, atravessando o Rio de Janeiro, Minas Gerais e Goiás.

16. POHL, Johann E. *Viagem no interior do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1976. Coleção reconquista do Brasil, v. 14, p. 407. [Grifo nosso.]

17. WALSH. *Notícias do Brasil*, p. 23.

18. Ainda atualmente a mineração de topázio é uma referência no local. O solo característico do sítio arqueológico é resultante de constantes intervenções provocadas pela mineração. Segundo informações coletadas de forma oral entre a população local, grande parte do sedimento que cobre o nível mais superficial do solo é proveniente de garimpo de grande impacto realizado na encosta da serra). Também a ação de garimpeiros em vários pontos do sítio, abrindo buracos, tanto de pequenas e médias quanto de grandes dimensões, provocou significativa alteração na sedimentação natural do sítio, causando a descontextualização dos vestígios arqueológicos em seu processo cronológico após o abandono.

19. POHL. *Viagem no interior do Brasil*, p. 407. [Grifo nosso.]

20. POHL. *Viagem no interior do Brasil*, p. 408.

21. Johann Baptist von Spix (1781-1828) e Karl Friedrich von Martius (1794-1868) empreenderam uma das mais famosas expedições científicas ao interior do Brasil, entre 1817 e 1820. Seu livro *Viagem pelo Brasil* revelou ao público os resultados pormenorizados de suas pesquisas. Cf. SPIX, J. B. von; MARTIUS, C. F. P. von. *Viagem pelo Brasil*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1938. v. 1.

22. SPIX; MARTIUS. *Viagem pelo Brasil*, p. 301. [Grifo nosso.]

23. WALSH. *Notícias do Brasil*, p. 94. [Grifo nosso.]

24. O barão Georg Heinrich von Langsdorff (1774-1852) foi um médico e explorador nascido na Prússia e naturalizado russo. Cônsul no Rio de Janeiro, em 1824 chefiou uma das expedições científicas que, no século XIX, percorreram Minas Gerais.

25. SILVA, Danuzio G. B. da. (Org.). *Os diários de Langsdorff*. Campinas: Associação Internacional de Estudos Langsdorff; Rio de Janeiro: Fiocruz, 1997. v. 1, p. 351-352.

26. Alcide Charles Victor Marie Dessalines d'Orbigny (1802-1857), naturalista francês que deu grande contribuição às áreas da zoologia, paleontologia, geologia, arqueologia e antropologia. Além do Brasil, viajou também por Argentina, Paraguai, Chile, Bolívia e Peru.

27. D'ORBIGNY, Alcide. *Viagem pitoresca através do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1976. Coleção reconquista do Brasil, v. 29, p. 159.

28. Teófilo Benedito Ottoni (1807-1869) foi jornalista, comerciante, empresário e político do Império. Liderou uma revolta militar contra o absolutismo de Pedro I.

29. Luís Alves de Lima e Silva, o duque de Caxias (1803-1880), foi um dos mais importantes militares e estadistas da história do Brasil, responsável por importantes ações militares pacificadoras em movimentos revoltosos internos.

30. Não se descarta, entretanto, a existência de relações mercantis entre as duas áreas, embora tal possibilidade seja mais remota.

31. Sobre faiança fina enquanto vestígios arqueológicos ver: TOCCHETTO, Fernanda *et al.* *A faiança fina em Porto Alegre*: vestígios arqueológicos de uma cidade. Porto Alegre: Secretaria Municipal da Cultura, 2001.

32. Sobre vidros como vestígios arqueológicos ver: ZANETTINI, Paulo Eduardo; CAMARGO, Paulo Fernando Bava de. *Cacos e mais cacos de vidro: o que fazer com eles?* (Parte 1). São Paulo: Zanettini Arqueologia, 1999.

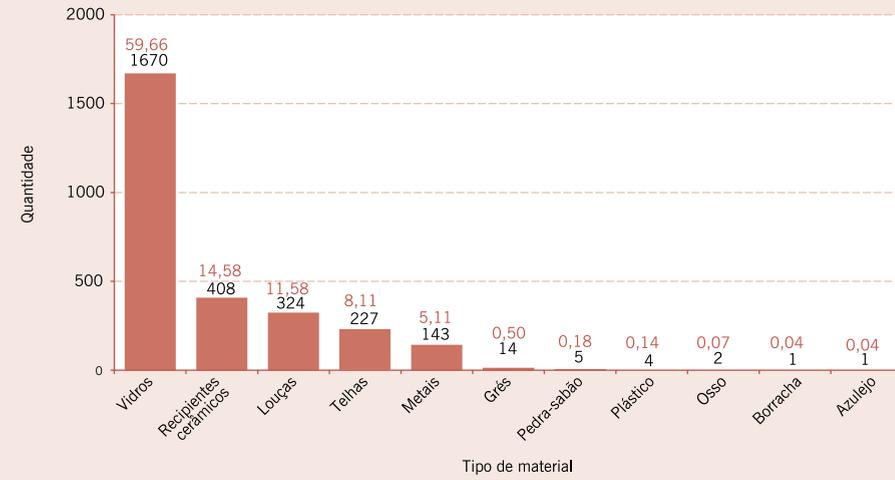
Artigo elaborado com base no relatório *Levantamento histórico-arqueológico da Estrada Real: o Capão do Lana – Ouro Preto / MG. Relatório Final*, coordenado por Carlos Magno Guimarães [Belo Horizonte, Laboratório de Arqueologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais (Fafich/UFMG), 2008].

**Carlos Magno Guimarães** é historiador e arqueólogo, professor doutor do Departamento de Sociologia e Antropologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais (Fafich/UFMG) e coordenador do Laboratório de Arqueologia da Fafich/UFMG.

**Anaeli Queren Xavier Almeida** é bacharel em Ciências Sociais pela UFMG, mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFMG e pesquisadora do Laboratório de Arqueologia da Fafich/UFMG.

**Gabriela Pereira Veloso** é bacharel em Ciências Sociais pela UFMG e pesquisadora do Laboratório de Arqueologia da Fafich/UFMG.

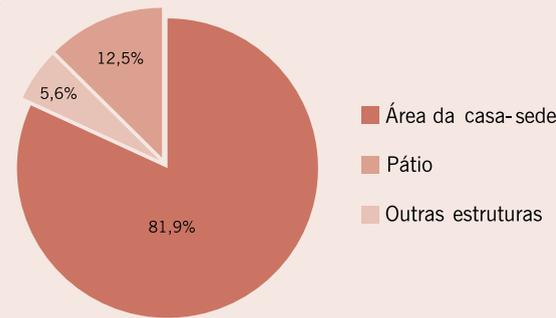
### TIPO DE MATERIAL - OCORRÊNCIA



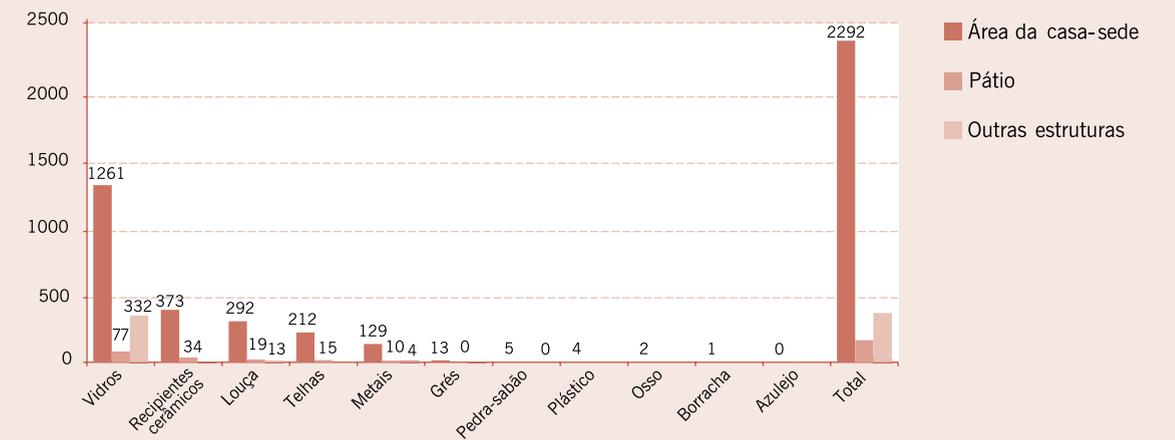
### TIPO DE MATERIAL - OUTRAS ESTRUTURAS - CLASSIFICAÇÃO POR QUANTIDADE



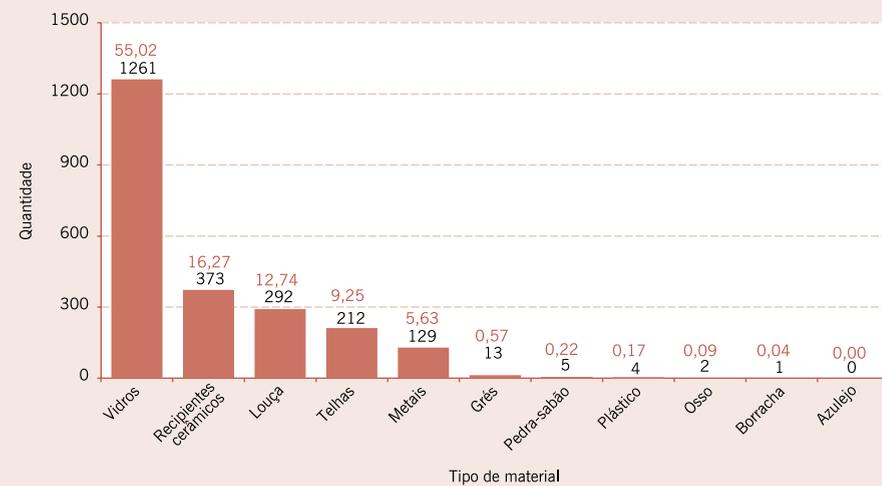
### TIPO DE MATERIAL - OCORRÊNCIA



### DISTRIBUIÇÃO DOS MATERIAIS POR ÁREA



### TIPO DE MATERIAL - ÁREA DA CASA-SEDE - CLASSIFICAÇÃO POR QUANTIDADE



### DISTRIBUIÇÃO DOS MATERIAIS POR ÁREA

